

A JUVENILIZAÇÃO ATUAL DAS IDADES

Alda Britto da Motta*

Resumo

A longevidade crescente das populações tem sido acompanhada por um juvenescimento que está se fazendo ao longo da trajetória de todas as idades: assim como a vida é prolongada, as situações geracionais também o são; somos adolescentes, jovens, adultos plenos, maduros e velhos-jovens durante muito mais tempo. As crianças, a partir da direção contrária, se “juvenilizam” tornando-se “pré-adolescentes” prematuros. No que tornar-se jovem, é, aí, também tornar-se mais velho... Adultizando-se as crianças e “rejuvenescendo” os maduros e os idosos, encontram-se.

Palavras-chave: Gênero. Geração. Longevidade. Juvenilização.

Abstract

The expanding longevity of populations has been accompanied by their relative youthening. This movement takes place along the course of the trajectory of all different ages. Just as life is prolonged, generational situations are as well: we are adolescents, young adults, full adults, middle-aged and young elders for a much longer period than before. Children, moving on the opposite direction, are “youthed”, becoming “pre-adolescents” prematurely. Becoming young, then, is to become older. Thus, as children are made more like adults and the mature and elderly younger, these different ages come to meet each other.

Key-words: Gender. Generation. Longevity. Youthening.

INTRODUÇÃO

A longevidade crescente das populações tem sido acompanhada por uma espécie de juvenescimento relativo delas. O avanço da medicina e as condições atuais de maior acessibilidade dos serviços de saúde pública, além do alcance cada vez mais amplo dos sistemas de comunicação e informação sobre eles, têm ensejado que as pessoas mantenham boas condições físicas e cognitivas por um tempo cada vez mais ampliado, podendo os idosos atuais compararem-se vantajosamente a pessoas com até dez a vinte anos menos de tempos passados. Por outro lado, as crianças estão crescentemente expostas a um processo de adultização precoce, próprio à atual sociedade de consumo, que se expressa em várias dimensões, inclusive no que lhes seria mais inerente: a socialização através do brinquedo. Agora “desbrincam” com bonecas que trazem seus nomes e “identidades” de fábrica, e com

* Professora do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal da Bahia (PPGCS/UFBA). Pesquisadora do Núcleo de Estudos Interdisciplinares sobre a Mulher - NEIM . E-mail: aldamotta01@hotmail.com

artefatos tecnológicos que exigem pouca imaginação e inventividade e uma racionalidade “adulta” para o seu manejo.

Realmente, quanto maior a longevidade, maior está sendo a juvenilização das idades — é o contraditório movimento da sociedade contemporânea. Essa juvenilização se faz ao longo da trajetória social de todas as idades: assim como a vida é prolongada, as situações geracionais também o são; somos adolescentes, jovens, adultos plenos, maduros e velhos-jovens durante muito mais tempo. Enquanto as crianças, a partir da direção contrária, se “juvenilizam”, tornando-se “pré-adolescentes” ou adolescentes prematuros. No que tornar-se “jovem”, aí, é também tornar-se mais velho...

Justamente por ser a sociedade de consumo contemporânea especialmente direcionada a modelos de juventude e valores adulto-jovens, alcança-se esse clássico ponto de ambição e encontro geracional “jovem”, em cuja direção se mobilizam, ou para onde convergem todas as outras idades — tanto o pólo infância/adolescência quanto o pólo mais idoso. Adultizando-se as crianças e juvenilizando-se os maduros e os idosos, encontram-se. Acomodam-se no espaço heterogêneo e indefinido da adulez jovem.

Embora a tendência rejuvenecedora, ou de certa “parada no tempo”, do ponto de vista dos mais velhos, se refira, talvez mais visivelmente, ao aspecto e às condições de saúde — “melhorias” e cuidados cada vez mais sugeridos/impostos aos indivíduos como obrigação pessoal para que se alcance, ao final, um “envelhecimento bem sucedido”, — essa juvenilização, também simbólica, vem-se dando em quase todos os aspectos da vida pessoal, nos próprios modos de viver e na expressão cultural cotidiana, principalmente no que se refere às formas de lazer e às atividades pedagógicas. De que são ambiente típico os grupos e “programas para a terceira idade”. (BRITTO DA MOTTA, 1999; GOMES, 2001; SCOTT, 2002)

O mercado de trabalho e a esfera afetiva e sexual é que ainda resistem a maior abertura à “idade”. Mesmo assim, já não tanto. Apesar do desemprego estrutural, vem-se dando, desde final da década de 90 do século passado, um pequeno porém contínuo reingresso dos mais velhos na força de trabalho, estes mais atrativos por serem portadores de certas características da maturidade, por coincidência atualmente demandadas pelos empregadores, tais como: experiência, paciência, habilidade para se relacionar e até “fidelidade” ao emprego (BRITTO DA MOTTA, 2001). Por outro lado, tem-se convivido com mais naturalidade com a expressão afetiva dos idosos fora do casamento tradicional e já sedimentado, inclusive quando há diferenças intergeracionais maiores entre os pares, apesar das restrições de gênero ainda colocadas às mulheres e das nada raras irrupções de interferências de filhos preocupados com a manutenção dos “bons costumes”... e dos bens a serem herdados...

Apesar do inescapável componente ou diferencial de classe, a realização desses novos modos de ser e de viver torna-se mais nítida exatamente sob esse ângulo de análise, o da expressão geracional, sem esquecer o seu entrelace com a condição de gênero; principalmente no que se refere aos idosos.

IDADE E ORGANIZAÇÃO SOCIAL

Tem sido parte da organização e história das sociedades, particularmente na modernidade, um aspecto definidor dos ciclos e trajetórias de vida, uma divisão do trabalho e atribuições de deveres e de direitos segundo as idades; assim como uma conseqüente possibilidade de exercício de poder e dominação de uma geração sobre outra(s). Em suma, a idade como referência cronológica e política fundamental. A correspondente expressão geracional dando-se, ou percebendo-se, à maneira proposta por Mannheim (1928), segundo a situação partilhada no processo histórico e social.

Apesar disso, pouco se tem buscado diferenciar analiticamente os grupos geracionais segundo o sexo/gênero e a classe social dos seus participantes. Entretanto, o paradigma geracional de Mannheim (1928) enseja a promessa de uma ampliação do âmbito de análise, ao contemplar, mais além do partilhar essa convivência no tempo, estarem os indivíduos em uma posição específica para viverem determinados acontecimentos: “tendência inerente a uma situação social”; que os predispõe a um certo modo de experiência e de pensamento.

Daí, poderíamos pensar, ou tentar traduzir, essa “posição específica” e essa “tendência inerente a uma situação social”, assim como a uma conseqüente “estratificação da experiência”, num sentido pluralizado, de localização e pertinência a determinadas dimensões básicas de vivência das relações sociais, entre as quais a própria geração está colocada. Poderíamos ampliar a análise da posição geracional considerando também outras *posições simultâneas* – que se realizam no âmbito das relações de gênero e de classe social; simultâneas, multifacetadas e intercambiantes na ação. O que ainda não constituía parte dos modos de análise vigentes no começo do século XX (tempo social de Mannheim), e que, entretanto, metodologicamente tem ampliado e enriquecido sobremodo a análise atual das ciências sociais. Inclusive porque muito das mudanças culturais e sociais da modernidade contemporânea, mais além do avanço tecnológico e dos novos modos tanto de conflito como de aliança de classes – e, inclusive, das solidariedades e conflitos entre as gerações –, advém

da crescente participação das mulheres no mercado de trabalho e da revolução social e sexual feminista ainda em curso. Isto é, dão-se também, e fortemente, na dimensão de gênero.

O âmbito das idades e gerações, entretanto, é um dos espaços fundamentais onde a sociedade contemporânea abriga heterogeneidades e mudanças contraditórias. Nele, como analisa Lins de Barros, mais além de referências cronológicas a anos vividos, consideram-se “estilos de vida” que podem ou não ser adotados. Idades ou segmentos geracionais como “juventude” ou “terceira idade” passaram a expressar “[...] um modo de ser e de estar no mundo” (LINS DE BARROS, 2006, p. 21).

Neste sentido também podem ser consideradas as cinquentonas analisadas por Scott (2002). Elas sintetizam ou simultaneizam o “envelhecimento” e a juvenilização, sendo “idosas jovens”: participando de grupos de “terceira idade” no exercício da alegria “jovem” e do lúdico livre – às vezes também infantilizado – livres inclusive para namorar, elaboram e legitimam essa identidade coletiva mais “confortável”. A outra face desse fenômeno de “deslocamento” ou reelaboração de identidades, discutido por Scott (2002), expressando-se na adultização precoce de mães adolescentes para alcançar a auto-aceitação e a inclusão social. Modos de ser, ou de estar que se constituem tanto por certo anseio de realização humana, como por pressões ou sugestionamentos do mercado de consumo ou de políticas sociais fragmentárias.

Por aí também se percebe que o panorama etário na sociedade contemporânea nem sempre é claro ou despido de contradições. Debert (1993) e Britto da Motta (1994) já assinalavam, nos anos 90 passados, o movimento ambivalente da sociedade na consideração e definição dos limites entre as idades, em que um crescente esbatimento das linhas divisórias entre estas contrasta(va) com certa acentuação das definições sociais também marcadas pelas idades. Debert (1993, p. 7) apontava como contraditório com uma certa tendência à homogeneização etária, um movimento de “[...] transformação das idades em um mecanismo privilegiado na criação de atores políticos e na definição de novos mercados de consumo”.

Britto da Motta (1998a, p. 226)¹ preocupava-se também com o fenômeno de uma certa unificação de perspectivas:

Efetivamente, as crianças são reenviadas ao mundo dos adultos jovens, enquanto os idosos ‘rejuvenescem’, física e socialmente, cada vez mais. Completa-se a tendência à realização daquele padrão de sociedade jovem que Morin (1967, p. 159) já discernia [...] e à ampliação de um mercado que a serve, e que se serve dela.

¹ Trabalho apresentado na Reunião da ABA de 1994, publicado em Lins de Barros, 1998.

Também analisou (BRITTO DA MOTTA, 1998a) uma “invenção” de idades — à maneira de Lenoir (1998) — tanto quanto uma possível redefinição dos ciclos vitais, muito clara na observação dos mais recentes padrões de comportamento na família; destacando-os quanto a suas transformações no tempo de realização,

[...] os ciclos de vida [...] adquirindo outras configurações, inclusive na expressão analítica. Perdem o tradicional aspecto regular e determinante de “eterno retorno” ou destino biossocial; alongam-se em trajetórias, como curso de vida (GIDDENS, 1992) ou fracionam-se em novas fases, com correspondentes novos significados. Inventam-se etapas e novas idades. (BRITTO DA MOTTA, 1998b, p. 14).

E mais adiante:

Situações novas, com avós “jovens”, bisavós presentes, cumplicidades e solidariedades intergeracionais, como famílias ampliadas abrigando o movimento das gerações mais jovens. Reinventando ciclos, alongando suas vidas e com filhos de várias idades retornando ou reaproximando-se espacialmente. Um fenômeno não exclusivo dos mais pobres. (BRITTO DA MOTTA, 1998b, p.17).

GÊNERO, GERAÇÃO E MUDANÇA SOCIAL

Na dimensão de gênero, as mudanças, e especificamente a juvenilização, originam-se ou coadunam-se aos novos papéis das mulheres e aos avanços desatados pelo movimento feminista – embora, ao mesmo tempo, parcialmente negando-os – com repercussões ensejadas, em variados graus e circunstâncias, pela situação de classe dos atores sociais.

Considerando-se todo um material coletado na mídia onde está seguidamente expressa a surpresa por certa descronologização de ações por parte dos idosos, percebe-se que ele se refere sobretudo às mulheres. Assim como, através destas, nesses exemplos e casos expostos, manifesta-se — sucesso ou retrocesso? — a parada ou fixação de cada geração em um espaço temporal mais jovem.

Em uma amostra de notícias ou reportagens de jornais aleatoriamente coletados durante alguns meses de pesquisa em 2006, encontramos a surpresa, a dúvida ou a preocupação diante

de atitudes “jovens” inusitadas para pessoas idosas ou em idades avançadas para os comportamentos reportados. Tais como:

- Gravidez bem sucedida de mulheres idosas, ainda que com óvulos doados.
- Insistência de idosos em continuar a dirigir. (FERNANDES, 2006).

Caso destacado: dona de casa de 84 anos, “Contra a vontade dos filhos”, é assinalado. (Registro nada incomum de protecionismo exagerado dos filhos).

Estatísticas registradas: 7,43% dos baianos que possuem carteira de habilitação têm mais de 60 anos.

- “Elegância depois dos 70” (FREITAS, 2006).

Esta não se refere à moda ou desfiles de roupas — aliás, cada vez mais comuns para mulheres idosas, compenetradas manequins e “misses terceira idade”. Trata-se de outras das propostas que antes se circunscreviam às idades mais jovens. Remete aos possíveis benefícios de exercícios físicos realizados em academias, como musculação e Pilates, para a saúde dos idosos. E dado o exemplo de uma senhora de 84 anos, praticante de Pilates, que em 11 meses “se livrou das dores, ganhou postura ereta...”.

Sobre a musculação, declara, atrativamente, um dono de academia: “os níveis de hipertrofia e ganho de massa muscular possibilitados pela musculação conferem força e equilíbrio ao idoso”.

- “Plásticas atraem mulheres aos 80 anos” (COLLUCCI, 2006).

O primeiro exemplo: “senhora que fez plástica e lipo aos 79 anos expressa, perfeito, a juvenilização, na sua declaração posterior aos 81 anos, de que passou a ter formas de ‘uma moça de 60’.”

A reportagem é extensa e são coletados depoimentos ilustrativos, de vários cirurgiões plásticos, pelos quais, inclusive, evidenciam-se tanto a juvenilização das demandas atuais, como a diferença de vivências e experiências entre os idosos “jovens” e os mais velhos de tempos atrás é bem ilustrada. Comenta um deles:

“Tenho 30 anos de plástica. No início, as pessoas procuravam para fazer rejuvenescimento com 40, 50 anos. Achavam que aos 60 já estavam velhas, não precisavam mais disso. Hoje, não. A faixa entre 70 e 80 anos está muito comum nos consultórios.”

Encerra com o já cansativo chavão: “Os idosos estão cada dia mais prolongando sua auto-estima.”

Enquanto muitos revelam que “A cirurgia mais procurada pelas mulheres de idade avançada é a de redução da flacidez facial, com a correção das pálpebras, com a explicação:

“Mulheres nessa idade não se preocupam muito com a mama. Querem melhorar o que mostram, que é o rosto.”

Outros, entretanto, atestam: “Entre as sexagenárias, o implante de silicone nas mamas é bem procurado.”

O perfil registrado dessas idosas: “São saudáveis, têm condição financeira estável, filhos independentes e uma vida social intensa”; “Assumidamente vaidosas”; “algumas, aliás, já fizeram plásticas quando eram mais jovens”

- Crescimento das DST e AIDS na “terceira idade”. (EFEITO Colateral, 2004).

Aí estão principalmente os homens e seu entusiasmo pelos estimulantes sexuais. Mas as mulheres também são atingidas, principalmente como esposas. Enquanto “senhores com mais de 60 anos partem para a busca de parceiras na rua, afoitos em reviver a virilidade da juventude [...] um número preocupante de mulheres idosas (são) contaminadas”.

Mas certas adesões também significam necessárias atualizações:

- “Terceira idade gasta cada vez mais com produto eletrônico” (A Tarde, 03 de Dezembro de 2006)

Estatísticas e previsões são, de si, ilustrativas;

- 25% dos usuários de celulares é de idosos.
- Alta de 100% na inscrição de idosos, em 2006, em relação ao ano anterior. (SOS Computadores).
- “Nos próximos 5 anos 80% dos idosos terão celular e computador” (TNSInter Science).

Mas o depoimento de uma cliente é que pode realmente revelar a dimensão da aceitação do novo: Ester, 100 anos, “[...] comprou a primeira calça de sua vida para freqüentar as aulas de musculação, há um ano e meio [...] Duas vezes por semana, religiosamente”. (MADALLAH, 2007, p. 31).

Alguns depoimentos, entretanto, deixam subentendida uma necessária postura crítica:

- “Grups mantêm, adultos, hábitos teen (HELVÉCIA, 2006)

Trata-se de pessoas (*grups* = “*grown up adults*”) na faixa de 40 anos, sobretudo mulheres, que apresentam os mesmos gostos e hábitos da geração de seus filhos, de quem são freqüentes companheiros de saídas. Seus depoimentos demonstram naturalidade ou despreocupação.

Declara uma delas: “[...] nada mudou... só acho mais simples manter o estilo que criar uma personalidade para cada fase da vida.”

E uma outra: “Espero, daqui a dez anos, estar ainda saindo na balada com meus filhos e tocando rock.”

Os profissionais entrevistados pelo jornal, um sociólogo e uma psicóloga, preocupam-se mais. Principalmente esta, que lamenta a ausência de um (necessário?) conflito de gerações:

“[...] é como se uma geração tivesse desaparecido.”

O lugar do adulto “[...] acaba ocupado pela publicidade, pela TV [...] a mídia é que vai dizer [...] o que ele [jovem] deve ser [...]”

O sociólogo analisa : “a fronteira entre idades desapareceu, é preciso redefinir o que é ser adolescente, jovem e adulto” Usa o termo “juvenismo”, que define como “desejo de querer viver mais e exigência social de acompanhar valores jovens”.

Atitude crítica de que partilha Maria Rita Kehl (2004), como veremos adiante.

Mas os homens idosos também rejuvenescem, e cada vez mais. Neste tempo de “metrossexuais”, eles também se embelezam e se cuidam e, principalmente, realizam atividades esportivas, profissionais e sexuais “jovens”. Não tão “atirados” como as mulheres das reportagens de 2006, mas triunfantemente reconduzidos a uma meia idade aos sessenta e setenta anos.

Recente reportagem de capa da revista *Isto É* (junho 2011) focaliza – chegou a vez dos homens... - basicamente esses novos modos masculinos de ser velho. São exemplos citados na reportagem:

- Arquiteto de 61 anos, “acaba de inaugurar a terceira fase de sua vida, mas não consegue se reconhecer no papel de um senhor da terceira idade. Faz caratê, arte marcial que pratica há 43 anos – três vezes por semana e gasta a sola de sapato todas as noites numa escola de dança paulistana. ‘Melhor que dança, só sexo’, garante. E a vida sexual vai bem, obrigado. Foi casado duas vezes, tem seis filhos e está namorando uma mulher dez anos mais nova. Não fuma, bebe cerveja eventualmente e joga futebol com seu grupo de amigos todo fim de semana. ‘Não senti o baque de fazer 60, confesso que ainda me sinto com a energia dos 18.’
- Consultor financeiro de 73 anos é outro caso: “Pretendo continuar andando de moto e trabalhando até morrer.” Comenta a revista: “Quem vê o consultor financeiro passar com sua Harley-Davidson pelas ruas de Campinas, [é a foto da capa da revista] não duvida de sua afirmação. Pai de seis filhos (a caçula tem apenas oito anos), mantém uma rotina de fazer inveja a muitos jovens. Faixa preta no judô, ele pratica esportes

diariamente, trabalha mais de 12 horas diárias e desde adolescente mantém a paixão pela velocidade.”

CENTENÁRIOS

Um exemplo extremo da “juvenilização” é o dos cada vez mais numerosos centenários. Constituem cerca de 1% da população brasileira, com maior percentual na Bahia, e maioria de mulheres.

Expressão acabada da longevidade populacional, e ao mesmo tempo de uma forma particular de juvenilização “natural” da velhice, centenários são, nada raro, tão ou mais saudáveis que seus filhos de 70 e 80 anos. (Embora estes, por sua vez, frequentemente apresentem mais saúde e vigor – inclusive no terreno das ideias – do que os dessa mesma idade em gerações passadas). É como se fossem vitoriosos sobreviventes na longa aventura da vida.

Ilustra isto Sr. Anísio, forte e lúcido até o fim, quando primeiro o entrevistei, aos 108 anos²: “O povo diz que meus filhos estão mais velhos que eu.” Três anos depois um deles, aos 84 anos, falecia. Sr. Anísio atravessou bem o tempo até quase os 117 anos, em 2010, quando morreu.

Também Dona Guiomar (acompanhada desde os 98 anos)³, estava com 103, quando sua neta de 40 anos, em entrevista⁴, revelou: “Minha avó [...] não se escandaliza com nada, acolhe tudo o que é novo, ela é referencial de juventude, em termos de cabeça, ela é muito mais jovem do que eu, pois sou muito acomodada”.

Assim continuou por mais quatro anos, forte, ainda que atravessando uma sequência de adversidades com doença e morte dos filhos, às vezes comparando, inconformada, sua longevidade saudável com a maior fragilidade deles: “Eu não me conformo. Ele tá com 78 anos, internado. Eu com essa idade tava nova em folha. Aliás, eu com 94 anos, eu dizia que tinha 49...”

² *Projeto os Velhos mais Velhos*. CNPq, 2000/2001

³ *Projeto Pais e Filhos Idosos*, CNPq, 2002/2004

⁴ *Relações de Gênero e entre Gerações: Pais, Filhos e Netos*, CNPQ 2005/2007.

Apoio do CNPq (bolsa PQ), do PIBIC/UFBA e PIBIC/FAPESB (Bolsas IC). Participaram das várias fases, os estudantes: Patrícia Schramm Andrade, Carla Pellegrino, Ulisses Amorim, Zilmar Alverita da Silva, Fabiana Medeiros, Hugo Gama, Carolina Santana de Souza e Jeane Rangel Borges.

Faleceu em março passado, aos 107 anos.

O que todos eles têm demonstrado, no seu compassado viver, é que se acham bem e desejam continuar vivendo; enquanto as características negativas referentes a perdas, insuficiências e dependência, tradicionalmente imputadas à “velhice”, tanto no cotidiano como, em grande parte, ainda no meio acadêmico, estão sendo afastadas para mais adiante no tempo, para uma idade cada vez mais avançada; como já vem sendo apontado em alguns trabalhos (FERNANDES, 2001; CAMARANO, 2004; BRITTO DA MOTTA, 2006). Diante disto, várias reflexões precisam ser feitas, a começar pela referente às definições de idade. Se a “grande velhice” (por analogia à *grand âge*) está sendo cada vez mais adiada, enquanto os idosos jovens são cada vez mais “jovens”, volto a perguntar: “até que ponto os indivíduos de 60 e 70 anos ainda poderão continuar a ser considerados ‘velhos?’” (BRITTO DA MOTTA, 2006, p. 3).

A juvenilização implica, entre outras possibilidades de experiência - além da agora generalizada pressão para estudar e ampliar a formação profissional a vida inteira - na permanência em funções ou em assunções públicas e políticas cada vez mais tardias; como assumir um papel social e político legitimado pela participação em campanhas formais e no recebimento de votos. Uma recente expressão desse atual nunca-ser-tarde-para-fazer foi a candidatura, a deputado federal e estadual, nas eleições, de 2006, de vários idosos maiores de 90 anos; entre eles, dois centenários baianos, um homem e uma mulher, ambos com 102 anos, candidatos a deputado federal e estadual, respectivamente; e de dois homens aos 94 e 92 anos, um na Paraíba e outro em São Paulo, a deputado estadual.

Os dois candidatos baianos, os mais idosos do país, foram entrevistados antes e depois das eleições como parte do desenvolvimento do nosso então projeto de pesquisa⁵. Candidataram-se por partidos pequenos e novos. Ele, militar aposentado, general Souza Pinto, pelo PAN, Partido dos Aposentados da Nação, de que foi um dos fundadores e no qual ocupava na ocasião o cargo de vice-presidente nacional. Ela, comerciante Deodata Pereira Borges, pelo PSDC - Partido Social Democrata Cristão, com o qual não demonstrava muita familiaridade - com o registro de “Mamãe”.

Ele, tendo em sua plataforma a promessa de combater “as injustiças sociais, a corrupção, os políticos desonestos” e defender a Amazônia de “potências estrangeiras”. Ela,

⁵ *Personagens Geracionais na Família Contemporânea: Centenários e Pivôs* (2008-2010), também com bolsas PQ e PIBIC/FAPESB, e participação das estudantes Clarissa Paranhos, Elaine de Carvalho Lima, Liv Lobo e Iracema Souza de Medeiros Costa.

declarando-se “a candidata mais idosa do Brasil” (o general completou os 102 logo depois das eleições) propõe “o Imposto Único para garantir o futuro dos jovens abaixo de 100 anos”.

Nenhum deles foi eleito, embora ela tivesse sido razoavelmente bem votada (13.448 votos). Estimulada, voltou a candidatar-se a posto eletivo, vereadora, dois anos depois. Faleceu aos 105 anos. Ele, desiludido da política, morreu dois anos depois da eleição.

OS JOVENS

E nessa juvenilização, como se definem ou enquadram os realmente – cronológica e geracionalmente – jovens?

Vivendo uma dualidade contraditória; vivenciando um lugar social “total”, como desejo, ou objetivo social generalizado, que se constitui, ao mesmo tempo, em um não-lugar. Tornaram-se o modelo universalmente preconizado ou desejado de ser social, espetacularizado, mas, ao mesmo tempo, despidos de características realmente específicas, porque o contorno de sua imagem social foi borrado pelo apagamento dos limites geracionais; e enquanto a sociedade os impele ao consumo de invejadas mercadorias “apropriadas” à sua condição geracional e privilegiamento estético, simultaneamente os refreia de ingressar ou permanecer no mercado de trabalho e ganharem real autonomia.

Os adultos, para alcançarem a receita cultural de felicidade, dependem da realização do decalque da imagem dos jovens, enquanto estes, por sua vez, dependem, para a sobrevivência, do poder aquisitivo dos mais velhos com seus empregos “em outros tempos” conquistados, livres ainda da precarização atual.

CONCLUSÃO

Numa visão do panorama social das gerações, discerne-se imprecisão e falta. Como referido anteriormente pela psicóloga entrevistada, “É como se uma geração tivesse desaparecido”; o lugar do adulto socializador, ocupado agora pela mídia.

Por esse mesmo caminho analítico transita, com brilho, Maria Rita Kehl (2004): “Passamos de uma longa, longuíssima juventude, direto para a velhice, deixando vazio o lugar que deveria ser ocupado pelo adulto”.

Analisa, contundente: “... a vaga de ‘adulto’, na nossa cultura, está desocupada. Ninguém quer estar “do lado de lá”, o lado careta, do conflito de gerações, de modo que tal conflito, bem ou mal, se dissipou. Mães e pais dançam rock, funk e reggae como seus filhos, fazem comentários cúmplices sobre sexo e drogas, frequentemente posicionam-se do lado da transgressão nos conflitos com a escola e com as instituições. Essa liberdade cobra seu preço em desamparo...” (KEHL, 2004. p 50)

Se para os jovens é difícil “entrar no mundo adulto sem auxílio dos adultos”, “Sem modelos identificatórios”, também o é para os mais velhos, pois “a desvalorização da experiência esvazia o sentido da vida” (...). “A experiência, assim como a memória, produz consistência subjetiva. Eu sou o que vivi. Descartado o passado, em nome de uma eterna juventude, produz-se um vazio...” (KEHL, 2004, p 50 e 51).

As políticas públicas ainda se mantêm pouco avançadas em relação à percepção de tudo isso, conservando os mesmos critérios e cronologias do passado em relação a limites e definições de idade – por exemplo, mínimo e máximo para aposentadoria; ou para a definição do início “oficial” da velhice e suas conseqüências legais; ou em relação a outras etapas etárias de definição de direitos e deveres de cidadania. Enquanto os jovens são imitados e, ao mesmo tempo, desprivilegiados, e os maduros, os grandes imitadores vazios, os muito idosos parecem intocados por esse movimento e são cada vez mais saudáveis e produtivos, a ponto de que maiores de cem anos mantenham-se em atividades que vão da música e literatura à política ou em etapas do bem viver. Como Sr. Anísio, jovial e elegante aos 116 anos; ou Sr. Bráulio, publicando livros ainda aos 100 anos (Pentágono, Cinco Coroas de Sonetos); ou D. Joana, ao longo da vida tocando viola, que ao ser entrevistada pela primeira vez, aos 108 anos, declarou sorrindo: “Eu canto a vida em prosa e verso” e fazendo circular suas memórias entre parentes e amigos no 110º aniversário.

Constituem eles expressão privilegiada de uma cronologização desejável, na medida em que mantêm participação social alongada e não imitam, descontinuamente, outras idades; simplesmente seguem sua trajetória de vida — e a grande admiração social é, não apenas pelo número crescente deles, mas, sobretudo, pelas suas razoáveis condições de saúde, e lucidez esperançosa.

Referências

BRITTO DA MOTTA, Alda. Chegando pra idade. In: LINS DE BARROS, Myriam (Org.). Velhice ou terceira idade? Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1998a.

_____. Gênero, família e fases do ciclo de vida – Introdução ao dossiê Gênero e Família. Cadernos CRH, Salvador, n. 29, p. 13-20, jul./dez. 1998b.

_____. Não tá morto quem pelea: A pedagogia inesperada nos grupos de idosos. Tese apresentada à Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal da Bahia, 1999

_____. Idosos na sociedade brasileira no limiar do século XXI. In: GICO, Vânia; SPINELLI, Antonio; VICENTE, Pedro (Org.). As Ciências Sociais – desafios do milênio. Natal: EDUFRN, 2001. p. 620-633, v.1.

_____. Ter cem anos no Brasil. Trabalho apresentado ao 52º. Congresso Internacional de Americanistas, Sevilha, 2006.

CAMARANO, Ana Amélia (Org.). Os novos idosos brasileiros, muito além dos 60? Rio de Janeiro: IPEA, 2004.

COLLUCCI, Cláudia. Plásticas atraem mulheres aos 80 anos. Folha de São Paulo, São Paulo, 22 out. 2006.

DEBERT, Guíta Grin. O remapeamento do curso da vida. Trabalho apresentado ao 18º. Encontro Anual da ANPOCS, Caxambu, MG, 1993.

EFEITO Colateral. A Tarde, Salvador, 20 mar. 2004.

FERNANDES, Ana Alexandre. Velhices, solidariedades familiares e política social. Sociologia, Oeiras, n. 36, set. 2001.

FERNANDES, Jane. Idosos ao volante são 111 mil. A Tarde, Salvador, 12 nov. 2006.

FREITAS, Tatiane. Elegância depois dos 70. A Tarde, Salvador, 12 mar. 2006.

HELVÉCIA, Heloísa. ‘Grups’ mantêm, adultos, hábitos teen – termo cunhado nos EUA apresenta quarentões que seguem usando tênis All Star e escutam bandas novas nos iPods. Folha de São Paulo, São Paulo, Caderno Cotidiano, 21 maio 2006.

KEHL, Maria Rita. A juventude como sintoma da cultura. In NOVAES, Regina e VANNUCHI, Paulo (orgs) Juventude e Sociedade: Trabalho, educação, cultura e participação: São Paulo, Editora Perseu Abramo, 2004.

LENOIR, Remi. Objeto sociológico e problema social. In: CHAMPAGNE, Patrick et al. Iniciação à prática sociológica. Petrópolis : Vozes, 1998. p. 59-106.

LINS DE BARROS, Myriam (org) Velhice ou Terceira Idade? Rio de Janeiro, Fundação Getúlio Vargas, 1998.

_____. Família e Gerações. Rio de Janeiro, Editora Fundação Getúlio Vargas, 2006.

GOMES, Márcia Queiroz de Carvalho. Velhas e Velhos: a busca de novos espaços de sociabilidade- Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa da Pós-Graduação em Ciências Sociais. Universidade Federal da Bahia, 2001

MADALLAH, Ariane. Meninas há um século. Revista TPM, São Paulo, Ano 6, n 62, p. 31, fev. 2007.

MANNHEIM, Karl. O problema das gerações. In: _____. Sociologia do Conhecimento. Porto, Portugal: Res, [19--]. p. 115-176. (Edição original, 1928).

MORIN, Edgar. Cultura de massas no século XX. Rio de Janeiro: Forense, 1967.

RUBIN, Débora e ROCHA, Paulo. Envelhecer Bem IN revista Isto É 2168, em 19 de junho de 2011. P 82-89.

SCOTT, R. Parry. Quase adulta, quase velha: por que antecipar as fases do ciclo vital. In: SILVA, Maria Dulce; NERY, Inez Sampaio (Orgs.). Cenários e personagens plurais. Teresina (PI): REDOR/NEPEM/UFPI, 2002. p. 207-217.